

## **A produção do rock nacional como forma de contestação na década de 1980<sup>1</sup>**

Amanda Schütz<sup>2</sup> -

UDESC

Não acredito que a década de 1980 possa ser considerada por muitos como uma década perdida, a juventude brasileira que entrava na cena cultural nesta época tinha sido criada na ditadura militar, assistindo televisão e na censura. Estavam conhecendo os limites de uma nova forma de liberdade diferente daquela que fazia parte dos sonhos dos jovens de uma ou duas décadas anteriores a esta, os modelos de lutas passadas já não combinavam com suas realidades. Era hora desses jovens conquistarem um lugar no mundo, mais especificamente num país que estava lhes sendo entregue arruinado e esgotado por um milagre econômico e uma revolução mundial que não havia dado certo.

O padrão de ruptura com valores pré-estabelecidos era constante, evidenciado nas letras recheadas de crítica social e política. O que importava era ser diferente. E fazer a diferença era uma característica que a maioria dos grupos de rock brasileiro dos anos de 1980 queria. Não estavam interessados em reviver o passado ou muito menos pensar no futuro, seu único compromisso era com o tempo presente, ser feliz sem se importar com o que já foi ou com o que estava por vir.

A década de 1980 rompeu com uma série de procedimentos e pressupostos de nossa vida cultural, revelou uma geração que cresceu sob a égide da cultura de massa americana, da TV e da sociedade de consumo. Procuro mostrar que essa juventude foi formadora de opinião e suas músicas tinham conotação contestatória à realidade do país. Esta geração de jovens se tornou crítica quando obtiveram a oportunidade de se manifestar. E fizeram isso da melhor maneira possível, através da música. Jovens inquietos passavam a surpreender a sociedade, com letras de alta densidade poética, que definiam sentimentos e idéias para a sua própria geração, até então, sem porta-voz.

O rock brasileiro espalhava-se pelos centros urbanos, transformava-se num manifesto, numa vontade de mudança ao sistema imposto pela ditadura militar das duas décadas anteriores. A busca por informações pertinentes sobre a canção, seu interprete, o ambiente político e cultural que o cercava nos faz entender elementos essenciais para a compreensão da cultura jovem e sua relação com a sociedade. Assim como também movimentos políticos e culturais, incluindo a luta por direitos civis e humanos, movimentos pela paz e contra a guerra, estabelecimentos de contraculturas alternativas e a indústria musical e seu desenvolvimento naquele momento.

Na virada da década de 1970 para 1980, passa-se a viver uma abertura política e uma tentativa de redemocratização. A distensão da ditadura militar, com o processo de abertura a partir de 1978, a anistia em 1979, permitindo o retorno dos exilados e a libertação dos presos políticos e a campanha das "Diretas Já", em 1984, devolveram ao brasileiro a liberdade de expressão depois um longo período de censura oficial.

A campanha pelas Diretas Já, em 1984, pode ser classificada como o maior movimento de massa da História do Brasil, tornou-se uma mobilização nacional, na qual o país inteiro tomou parte, lutando pelo direito de votar no seu governante. A bandeira principal da campanha pela redemocratização era a convocação de eleições diretas para a Presidência da República, visando à introdução de uma emenda constitucional determinando que as eleições presidenciais de 1984 fossem realizadas pelo voto popular. Porém, o ideal democrático de eleger direta e livremente o presidente da República foi adiado. A sucessão dependeria do Colégio Eleitoral, pela via indireta. Marcando o fim do ciclo autoritário, o colégio eleitoral elegeria Tancredo Neves e inauguraria a Nova República.

O país chega à redemocratização com uma difícil herança econômica: a máquina do Estado inchada, centralizadora e ineficiente; uma inflação sem controle e taxa de crescimento negativa. Para conter a inflação, os governos do período de redemocratização lançam sucessivos planos

de estabilização e saneamento econômico. Todos esbarram na dificuldade em reduzir o déficit público, principal motor da inflação.

O Brasil da década de 1980 não era mais aquele de 1964. Enormes mudanças econômicas haviam acontecido, viu-se o fim de uma geração inteira de políticos, e havia uma população cuja maioria das pessoas nascera nas duas últimas décadas e estavam dispostas de fazer a diferença nesses novos tempos.

Para Fernando Novais a Revolução de 64 moldou uma forma eficaz de garantir a dominação dos ricos e privilegiados através do entretenimento que chegava até a sociedade de forma disfarçada e prazerosa: a televisão. “O centro da nossa indústria cultural”<sup>3</sup>, assim como também os jornais e revistas, que após 1964 passam a ser ancorados no crescimento da classe média urbana, que tem renda suficiente para consumir esses produtos. O parque editorial começou a se diversificar em publicações voltadas para um público específico. Esse crescente mercado de informações prontas a um público seletivo levam ao esvaecimento da postura crítica. A televisão atinge indiretamente a vida das pessoas levando a determinar atitudes e comportamentos em coletividade

a verdade cede o passo à credibilidade, isto é, ao que aparece como verdade; o bem comum subordina-se inteiramente aos grandes interesses privados; a objetividade abre espaço à opinião, isto é, à opinião dos formadores de opinião (...)<sup>4</sup>

Para Nestor Garcia Canclini a militância partidária diminui consideravelmente na década de oitenta, assim como também as tiragens de semanários políticos se comparados ao que se publicava nos anos sessenta

Cresce, ao contrário, o volume de leitores de revistas de atualidades e entretenimento, nas quais a informação social e política se concentra em entrevistas mais que em análises, na vida cotidiana ou gostos de

personagens públicas mais que em suas opiniões sobre conflitos que afetam o cidadão comum.<sup>5</sup>

Os meios de comunicação, como TV, rádio, e publicações passam a fornecer interpretações prontas para seus grupos de consumidores, “leituras” satisfatórias

(...)comentários amáveis, divertidos, vivências melodramáticas obtidas no lugar dos fatos, sem problematizar a estrutura social na qual esses fatos se inscrevem, nem discutindo a possibilidade de transformá-la.<sup>6</sup>

Néstor Garcia Canclini vê essa discussão política que decorria nos mais variados movimentos sociais sendo substituída pela mediação simbólica, apresentada agora pela imprensa e pelos programas de informações da mídia, esses passam a fornecer um material de simulação para que possamos nos sentir informados, criando a sensação de que estamos participando dos acontecimentos decorrentes.

Michel Maffesoli denomina essa situação, descrita acima, como “interferências coletivas”, pois o que para nós é uma opinião individual, de fato, não é, mas sim “a opinião de tal ou qual grupo ao qual pertencemos”<sup>7</sup>. Acabamos, dessa forma, entrando numa situação de conformismo, pois estamos recebendo idéias prontas e a única coisa que precisamos fazer é digerí-las de forma pacífica, sem questionarmos a situação.

“A americanização da publicidade brasileira tem um papel fundamental na difusão dos padrões de consumo moderno e dos novos estilos de vida”<sup>8</sup> que “afetaram” a juventude que cresceu durante os anos de chumbo da ditadura militar, fortemente criticada por não possuir os mesmos ideais das gerações anteriores. Essa transformação que podemos observar na década de oitenta tem relação “com a substituição de uma cultura de produtividade por uma cultura de especulação e do espetáculo”.<sup>9</sup>

Essa nova forma de costumes abordado por Canclini, pode ser adaptada ao rock brasileiro, que teve em sua trajetória um relacionamento bem próximo a conjuntura político-econômica do país. É provável que sem o processo de redemocratização, conduzido pelos governos Geisel e Figueiredo, ele não tivesse sido possível. “ Teria sido impossível fazer um rock (in)descendente, cantado em português, sob violenta censura”.<sup>10</sup>

O rock produzido no Brasil era um fenômeno da classe média, porém a ponte utilizada para atingir o povo seria a figura do plano econômico, o Cruzado, que abriu as portas da sociedade de consumo. O consumismo descontrolado fez a vendagem de discos crescer, transformando o rock produzido no Brasil num gênero realmente popular. A exibição do público jovem nas emissoras de televisão em rede nacional também popularizou o chamado Rock Brasil, “ a fusão do gênero com a testosterona da nova juventude brasileira formatou uma geração sem precedentes”.<sup>11</sup>

Agora as roupas eram extravagantes, os cabelos fora do usual, o que bastava era ter uma guitarra em punho e falar uma linguagem nova, muitas vezes fazendo o uso do palavrão - recurso muito importante para quem cresceu sob a ditadura. Dessa forma, a década de 1980 passa a ser vista como criadora de uma geração alienada e perdida, a responsabilidade sobre tal fato recaiu principalmente sobre os jovens, que cresceram sob a sombra do autoritarismo.

A cultura jovem passou a ser mencionada como se fosse inimiga da vida política, “estaria condicionada ao individualismo, à indiferença quanto às questões de cunho político ou de atuação e transformação do espaço público”<sup>12</sup>. O redimensionamento do espaço público, implicou num novo local de encontro: as ruas, lugar onde os jovens que quisessem desenvolver seus mais diferentes interesses e ideologias ousaram se expressar.

O que se vê na década de 1980 são jovens aproveitando-se da liberdade política para manifestar seu alvedrio individual, ou seja, suas experiências cotidianas. As manifestações culturais, predominantemente, engajadas na política perdiam espaço para uma nova maneira de fazer arte que emitia uma forma de liberdade até então desconhecida pelas décadas anteriores.

A década de 80 acaba sendo vista com um caráter alienado às práticas do que acontecia em seu tempo, quando na verdade o que se passa é que nesses anos as preocupações juvenis eram outras, não dava para comparar ao que vinha acontecendo a vinte anos atrás. A vida desses jovens, seus costumes, seus medos, suas alegrias não eram as mesmas daqueles que lutavam pela liberdade dos anos ditatoriais. Com maior liberdade os artistas vivem um momento de efervescência criativa, onde a música brasileira começa a mudar. Eram

(...) menos preocupados com questões políticas ou ideológicas do país, estavam muito mais interessados em produzir. e digerir qualquer manifestação artística que viesse pela frente<sup>13</sup>

O país se redemocratizava, a censura se tornava mais branda, o presidente agora era civil, após vinte anos de chefes de governo militares, a possibilidade de eleições diretas para presidência e a liberdade de expressão levava os nascidos nos anos 60 a colocar a cara de fora em busca de espaço. Haviam crescido numa dieta cultural, nesta época já não havia mais a efervescente realidade dos festivais que revelaram toda a geração da música popular que se engajara na luta contra a ditadura.

Nos anos 80, do século XX, o rádio, o vídeo, a televisão e o cinema, passaram a fazer parte das novas manifestações culturais, assim como também o teatro, o humor e, especialmente, a música. Segundo a afirmação feita por Luiz Calanca, foi um período em que muitas bandas eram lançadas quase simultaneamente, usava-se materiais de custo inferior, alguns lançamentos eram feitos com material de baixa qualidade, porque faltava tudo. “Você não

encontrava papel para a capa, o vinil não estava disponível, porque todo mundo consumia muito”<sup>14</sup>. Marcelo Nova, vocalista do grupo baiano Camisa de Vênus afirma que

Sarney não tem idéia de que foi responsável pelo deslumbramento do rock brasileiro, porque, durante o Plano Cruzado, se ganhava muito dinheiro de maneira tão fácil que todo mundo começou a achar que era para sempre<sup>15</sup>.

A indústria fonográfica também foi favorecida pelos planos econômicos, a vendagem de discos impulsionou o mercado nacional do Rock Brasil é o que se pode observar através do comentário feito na obra de Guilherme Bryan, sobre o disco Cabeça Dinossauro, dos Titãs, que chegou “ a cem mil cópias vendidas e ao tão sonhado disco de ouro”<sup>16</sup>. “Isso se deveu em parte a uma euforia consumista de cerca de 20 milhões de brasileiros, que sobreviviam com um salário mínimo ou menos, gerada pelo Plano Cruzado”<sup>17</sup>.

Toda essa emergência contestatória envolvia movimentos onde a maioria dos participantes eram jovens, em grande maioria estudantes que se uniam em grupos culturais formando ações comunicativas sem precedentes na história brasileira. Com novas linguagens que faziam sucesso entre o pessoal mais novo, esses grupos deram uma espécie de pontapé inicial no rock brasileiro.

Os anos 80, do século XX, ficou cunhado como a "década perdida", porém o país conquistou de direitos civis e políticos como não acontecia nas duas últimas décadas que antecederam esse período, construiu-se experiências inéditas: o governo passou a ser eleito democraticamente, houve uma capacidade de organização social e uma ousadia cívica, como a muito tempo não se via no Brasil, fazendo emergir novos atores e sujeitos sociais e ainda a construção de uma vasta rede de processos comunicativos dentro e fora das organizações sociais. Esta década foi marcada também por um grande avanço tecnológico, implantou-se normas hegemônicas e formadoras de valores sociais e estéticos, orientando o consumo e a construção sistemática e cumulativa de valores simbólicos. Novos processos culturais e

comunicativos chegaram com as eleições presidenciais e democráticas e apontaram algumas inovações para esta década. Buscou-se novos caminhos dentro de um quadro de mudanças complexas, pluralistas e agora mais exigentes.

---

<sup>1</sup> O objetivo dessa análise é levantar as problematizações realizadas no trabalho de conclusão de curso “ A chama do teu isqueiro quer incendiar a cidade”: a produção do rock nacional como forma de contestação na década de 1980.

<sup>2</sup> Acadêmica da 8ª fase do curso de Licenciatura e Bacharelado em História – UDESC.

E-mail: amanda\_hst@yahoo.com.br

<sup>3</sup> MELLO, J. M. C. ; NOVAIS, F. A. Capitalismo tardio e sociedade moderna. In: NOVAIS, F. A. (coord) ; SCHWARCZ, L. M. (org) . **A história da vida privada no Brasil 4**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 638.

<sup>4</sup> Id. p.639

<sup>5</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.p.266

<sup>6</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. Op. Cit. p.266.

<sup>7</sup> MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**; o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. p. 106.

<sup>8</sup> MELLO, J. M. C. ; NOVAIS, F. A.. Op. cit. p.641.

<sup>9</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. Op. Cit. p. 267.

<sup>10</sup> DAPIEVE, Arthur. **BROCK**: o rock brasileiro dos anos 80.Rio de Janeiro: Ed.34,1995.p. 201

<sup>11</sup> BEZZI, Marco. Anos Incríveis. **A História do Rock Brasileiro** – Revista Super Interessante coleção história do rock brasileiro vol.3,São Paulo: Editora Abril, 2004. p36.

<sup>12</sup> SOUZA, Fábio Feltrin. **O futuro não é mais como era antigamente**: o mundo da Legião Urbana. Florianópolis, 2003.p.15. Trabalho de Conclusão de Curso em História. UDESC.

<sup>13</sup> ALZER, Luiz André, MARMO, Hérica. **A vida até parece uma festa**: toda a história dos Titãs. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.23

<sup>14</sup> BRYAN, Guilherme. **Quem tem um sonho não dança** – cultura jovem brasileira nos anos 80 . Rio de Janeiro: Record, 2004. p.333

<sup>15</sup> Id.p.333

<sup>16</sup> ALZER, Luiz André, MARMO, Hérica. Op. Cit. p.113

<sup>17</sup> BRYAN, Guilherme. Op. Cit. P.333